

A LIÇÃO

Naquela noite, Raúl, jogador amador de futebol, chorava sozinho, no sofá da sala. Tentava abafar o choro para não acordar ninguém.

Porém, os seus esforços foram em vão, pois João, seu filho de 6 anos, ouvi-o e aproximou-se sorrateiramente em bicos de pés. Encontrou o pai devastado e surpreendido com aquele cenário, perguntou, colocando a mãozinha no ombro do pai:

- “Papá, porque choras?”

- “Fiquei sem clube, João”. Disse o pai, enquanto limpava as lágrimas da cara na vã tentativa de não mostrar parte fraca.

- “Porquê?” questionou naturalmente João, como qualquer criança de 6 anos.

- “Não fiz o que o treinador pediu. Discutimos e o presidente mandou-me embora”.

- “O que é que ele pediu, papá?”

- “O mister queria que a equipa jogasse sujo. Pediu-nos para simular faltas, queimar tempo e jogar duro”.

- “Isso não é feio, pai?” indagou inocentemente a criança.

- “Sim, é muito feio, João “. Após uma breve pausa retomou.

- “Juras que não te vais esquecer do que o pai te vai, agora, ensinar?”.

- “Juro!”. Prometeu o menino, beijando, alternadamente, os indicadores cruzados.

- “Então, escuta bem esta lição. Na vida e no desporto não vale tudo para ganhar. Todos querem vencer, mas é essencial respeitar os outros, jogar pelas regras e ter *fair-play*. Só assim somos verdadeiros campeões. A isto chama-se ética”.

- “Ética!... pai, a ética ganha jogos?” questionou o curioso miúdo que desconhecia, até então, tal conceito.

- “Gosto de pensar que sim. Acredito que o bem acontece a quem o certo faz”.

- “Ética! Amanhã, vou dizer essa palavra à professora, para que ela a ensine aos outros meninos”.

Anunciou, bocejando, visivelmente exausto.

- “Ena, tanto sono! Está na hora de ir dormir, campeão. Amanhã é outro dia”.

Raúl sonhou com um novo clube, já João sonhou com a lição que aprendera e que jurou nunca mais esquecer.

Inevitavelmente, a história de Raúl repercutiu-se nas redes sociais, o que levou várias pessoas a apoiá-lo e a partilhar o caso.

Deu-se então, quiçá por desígnio divino, um pequeno milagre. Passada uma semana, Raúl recebeu uma inesperada chamada.

Um clube da liga 3 estava interessado nos seus serviços. Não era o estrelato que muitos ambicionam, mas era um passo fulcral na sua carreira, pois finalmente seria profissional.

Chegado a casa, Raúl correu para o filho na ansia de partilhar a boa nova.

Ao saber da notícia, o sagaz pequenote disse alegre, enquanto abraçava, com força, a perna do pai:

- “Vês pai, o bem acontece a quem o certo faz!”.